

A EROTIZAÇÃO, A INFÂNCIA E OS DESENHOS ANIMADOS: PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Data de submissão: 04/04/2023

Data de aceite: 02/06/2023

Sandonaity Monteiro Amorim Júnior

Faculdade Católica do Rio Grande do
Norte

Mossoró – Rio Grande do Norte

<http://lattes.cnpq.br/0716972993589289>

que estão assistindo. Para a realização deste trabalho é utilizado como método de pesquisa a revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: infância, desenvolvimento humano, erotização, desenhos animados.

RESUMO: Os desenhos animados são detentores de um grande poder de atração, principalmente, para com as crianças, por possuírem esta habilidade eles são responsáveis por influenciarem direta ou indiretamente na formação desses pequeninos. O problema é que é até comum encontrar em alguns desenhos traços de erotização. Neste sentido, este trabalho pretende analisar o porquê estes desenhos possuem tais traços e como isto prejudica o desenvolvimento infantil. Será possível perceber que a ingressão do mundo mercadológico neste cenário é um dos maiores agravantes para que ocorra a inseminação de conteúdos eróticos nas animações. No fim será realçado que não se pretende fazer com que as crianças deixem de assistir seus preciosos desenhos, todavia ao assistirem é necessário que elas tenham o apoio dos educadores para poderem internalizar da melhor maneira aquilo

EROTIZATION, CHILDHOOD AND CARTOON: PROBLEMS AND SOLUTIONS

ABSTRACT: Cartoons have a great power of attraction, especially for children, and because they have this ability they are responsible for directly or indirectly influencing the formation of these little ones. The problem is that it is even common to find in some cartoons traces of eroticization. In this sense, this work intends to analyze why these cartoons have such traces and how this harms child development. It will be possible to realize that the entrance of the marketing world in this scenario is one of the biggest aggravating factors for the insemination of erotic content in cartoons. In the end, it will be emphasized that we do not intend to make children stop watching their precious cartoons, but when they do, it is necessary that they have the support of educators to be able to internalize what they

are watching in the best way possible. To carry out this work, the research method used is a literature review.

KEYWORDS: childhood, human development, eroticization, cartoon.

1 | INTRODUÇÃO

É muito comum encontrar adultos consumindo conteúdos eróticos, mas pode gerar estranheza acreditar que as crianças também consomem esses mesmos conteúdos, o problema é que isto ocorre, em alguns casos, com o consentimento dos educadores, que não percebem o poder informacional presente nos desenhos animados, que podem estar carregados de eroticidade velada pela ludicidade (BARBOSA; GOMES, 2013, p.330).

Tendo em vista este contexto, o presente estudo pretende, primeiramente, analisar de maneira detalhada o que é a infância e como as crianças se prendem ao mundo lúdico dos desenhos animados, depois o estudo se dirigirá à análise da relação entre a erotização e os desenhos animados, a partir destes dois pontos será apresentado os prejuízos para a infância e para o desenvolvimento humano de uma relação entre eroticidade e desenhos animados. Por fim, objetivo final aqui é mostrar como os educadores podem ajudar as crianças a viverem seus momentos lúdicos com os desenhos animados da melhor forma possível.

Dois dos principais autores referenciados neste estudo são Erik Erikson e Max Scheler (2003), deste virá: o conceito de valor, como algo que emana da essência das coisas, ou, neste caso, como algo que emana da própria infância. Já Erikson ajudará a entender a importância de desenvolver na criança um pensamento crítico. Além de Erikson e Scheler o presente texto buscará apoio no pensamento de Lemes e Cifuentes, para melhor compreender o que é a experiência de uma boa infância e como se pode ajudar as crianças a vivê-la. Em sumo o texto se fundamenta nas referências bibliográficas como método de pesquisa.

2 | OS DESENHOS ANIMADOS COMO GRANDES PORTADORES DE INFORMAÇÃO

É nítido que os desenhos animados marcam presença em quase toda infância das crianças, este contato constante com estas animações deixa estes pequeninos sobre forte influência dos desenhos animados e por isso é preciso expor quais as possíveis consequências deste contato. Todavia antes de iniciar tal debate é sábio compreender primeiro o que é a infância e o que são os desenhos animados.

O estudo acerca de tal fase do desenvolvimento humano começou a não muito tempo, pois “foi Freud, que a pouco menos de um século, começou a estudar e problematizar a infância como um estágio distinto da vida” (BREI; GARCIA; STREHLAU, 2008, p. 1). Mas é Erik Erikson (1976, p. 91) que apresenta um dos mais importantes conceitos sobre a

infância, segundo ele esta etapa é marcada pela falta de uma personalidade que consiga dominar ativamente o seu meio, ou seja, a criança não é completamente “capaz de perceber corretamente o mundo e a ela própria”.

É partindo desta perspectiva que se analisa a influência da mídia televisiva, que tenta oferecer os mais diversos tipos de entretenimento para poder agradar os mais diversos estilos; há programas voltados para os adultos, para os jovens e, sem dúvida, há programas focados em agradar o público infantil. Muitos desses programas de entretenimento infantil são, principalmente, desenhos animados, já que estes, de algum modo, conseguem prender a atenção das crianças por várias horas (BARBOSA; GOMES, 2013, p.330). Esta realidade se apresenta de forma tão viva ao longo de toda a infância que o autor Meyrowitz (1985, apud PEREIRA, 1996, p. 70) diz que: “a televisão hoje auxilia as crianças a conhecer o mundo muito antes de serem capazes de andar pela rua”¹.

Pereira (1996) apresenta uma possível resposta para o porquê os desenhos animados fascinam tanto este público. Segundo ela, as animações são um grande instrumento de satisfação, pois faz nascer nestes pequeninos novas perguntas e interesses. Entretanto, atualmente, a mídia televisiva não é a única a proporcionar formas de entretenimento ao público infantil, pois a mídia digital já faz parte da vida das crianças. Muitas crianças aprendem a se relacionar com um smartphone muito antes de aprender a ler e escrever, às vezes, até mesmo antes de aprender a falar. Deste modo o contato com os desenhos animados não está mais restrito apenas a televisão.

Muitas empresas inclusive se utilizam do entretenimento infantil e do comodismo dos educadores para manipularem socioeconomicamente as crianças, e um dos artifícios utilizados pelo marketing empresarial para atrair a atenção das crianças é a presença de conteúdos eróticos nos desenhos animados (BREI; GARCIA; STREHLAU, 2008). A pergunta que fica é: porque os conteúdos eróticos atraem a atenção das crianças? O autor Philippe Aries (1986, p. 119) apresenta uma possível resposta ao dizer que, provavelmente, coisas que despertam “alguma aproximação com o universo dos adultos” chamam mais a atenção das crianças.

Essa relação entre o mundo mercadológico e as animações denota um interessante fato exposto pela autora Mesomo (2008, p. 2): “não se consome apenas os objetos, mas tudo aquilo que eles podem representar: ‘as crianças consomem as imagens e as materializam em si mesmas [...]’”. Deste modo, se as crianças têm contato com muitos desenhos animados erotizados elas correm o risco de se autodisciplinarem de forma a inclinar seus desejos para um mundo hedonista, que vive em busca de um prazer inalcançável e frívolo. Deve-se ter em mente que a criança ainda é um ser muito frágil criticamente falando, pois ainda está no início de sua formação humana, sendo assim, ela é muito susceptível a se deixar ser levada por influências do meio em que vive.

1 (Nossa tradução). “La televisión hoy acompaña a los niños a conocer el mundo mucho antes de ser capaces de pasear solos por la calle”.

Sendo assim, o público infantil é um público fácil de ser manipulado, já que não há a necessidade de muitos esforços para atrair a atenção das crianças, logo este público acaba sendo um alvo fácil e atrativo para as empresas. A questão é que tais empresas costumam visar a lucratividade. Para mostrar o quão preocupante é este cenário a escritora Pereira (2008) realizou uma série de entrevistas com pessoas que trabalham com o entretenimento infantil. A partir dos dados obtidos observou-se que alguns programas de TV pouco se interessam em expor desenhos animados com conteúdo educativo, pois estão mais focados em transformar a programação em uma espécie de momento lucrativo. Neste sentido, é plausível concluir que há um descaso para com a infância e o seu valor, pois quando se deixa de lado a preocupação com a educação infantil também se desvaloriza a infância.

Quando aqui se fala em valorizar ou desvalorizar a infância se deve ter em mente o que Max Scheler fala sobre valor, para ele o valor não é sustentado por concepções hedonistas, mas é uma qualidade do ser (SOBRINHO, 2017). Scheler (1994) ainda afirma que o valor é objetivo, isto é, independe do desejo ou da rejeição humana, em outras palavras, o valor é eterno e não está submisso aos caprichos do ser humano. Nesta perspectiva, essa imersão das animações no mundo mercadológico, que fora citado anteriormente, se desemboca em um deixar de zelar pelo valor que está contido na criança, valor este que não pode ser considerado desprezível ou insignificante, já que para que possa existir pessoas adultas que, segundo Erikson (1976), tenham desenvolvido uma personalidade bem estruturada é necessário que primeiramente se tenha um apreço para com a criança, pois são nas fases iniciais da vida onde o homem passa por crises importantíssimas para a formação da sua personalidade.

Por não entender ou não respeitar o valor da infância, algumas empresas ou mesmo os próprios educadores começam a expor as crianças desde a mais tenra idade ao contato com uma mídia que, as vezes, pode trazer conteúdos erotizados, de forma direta ou indireta. As consequências disto está exposto pelos autores Slatter e Tiggemann (2016 apud BÄCHTOLD, 2018, p. 37) que realizam uma pesquisa e chegam a concluir que as crianças quando em contato contínuo com conteúdo potencialmente erotizados costumam manifestar “suas preferências pelo uso de vestuário sensual”, que desemboca em uma insatisfação com a sua imagem corporal.

Quando a criança começa a se vestir e agir de forma sensual há a possibilidade dela se tornar objeto de desejo, o que pode ser considerado uma afronta à dignidade da criança (BÄCHTOLD, 2018), Além de terem sua dignidade afetada, esses pequeninos, se forem estimulados a vestirem roupas inadequadas para sua idade, podem não aprender a lidar positivamente com seu corpo “[...] e nem a conhecê-lo e, uma vez não mantendo relação positiva com seu corpo, pode está fadada a permitir que outras pessoas ajam de forma abusiva para com sua intimidade” (CITRÂNGULO, 2009, p. 11).

Neste sentido, a autora Flores (2011 epud PISCINATO; SILVA, 2018) relata que quando uma criança é tratada como se fosse adulta, deixando ela fazer o que quiser, estar-

se-á estabelecendo um processo de pedofilização na sociedade. Isto, além de desprezar o valor da infância, pode, segundo Silva (2018, p. 55), prejudicar a “qualidade de uma vida futura com a possibilidade de surgimento de diferentes distúrbios e insucessos em diferentes áreas que abrangem a acadêmica, a pessoal e a profissional”.

Todavia muitos educadores não conseguem compreender esta realidade e acabam privando a criança de seus conselhos e, o principal, de sua presença (BACHTOLD, 2018). A causa dessa desatenção perante a relação entre infância e desenhos animados está no fato de que as pessoas não se preocupam com o conteúdo das animações pelo simples fato de serem desenhos animados (PISCINATO; SILVA 2018). Ora, muitos educadores ainda se perguntam: o que poderia haver de mau em um simples desenho animado?

31 O ENCURTAMENTO DA INFÂNCIA E OS PREJUÍZOS PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Não é de hoje que a infância tenta conquistar o reconhecimento de sua singularidade e importância entre as etapas do desenvolvimento humano. Segundo o historiador Philippe Aries (1986) não faz muitos séculos que as crianças eram retratadas em pinturas como se fossem adultos em miniaturas, com vestes e expressões físicas de adultos, mostrando assim a inexistência da infância como um período diferente da vida adulta. O autor relata, neste sentido, que até mesmo as histórias de ninar continham muitas vezes conteúdos eróticos. Aries (1986, p. 128) ainda explana que: o respeito para com as crianças “era então [...] algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas, elas ouviam e viam tudo”. A mentalidade que se tinha acerca da infância, segundo Aries, era de que não existia a inocência infantil, e se existisse não poderia ser maculada.

Alguns resquícios dessa realidade apresentada por Aries (1986) ainda persistem nos dias atuais, a persistência de tais resquícios históricos faz com que a infância continue sendo atropelada. Neste sentido, a autora Bächtold (2018, p. 34) faz um alerta muito importante a respeito desse processo de adultização da criança, ao dizer que não é necessário ter pressa e é preciso respeitar cada fase do desenvolvimento humano.

Ainda segundo tal autora, o ser humano necessita de um bom tempo para poder se desenvolver ao ponto de estar preparado psicologicamente para adentrar em um mundo adulto e para poder lidar com a erotização. Além disso, “pular” a infância pode afetar diretamente na capacidade de desenvolver laços afetivos. Neste sentido, Erikson (1976, p. 136) acrescenta que quando não se instiga o desenvolvimento de tais laços afetivos ainda durante a infância e na juventude, provavelmente quando se chegar à vida adulta as relações interpessoais serão sumamente estereotipadas. Em suma, está falta de apreso para com a infância pode gera um adulto infantil, que não tem o controle da própria vida (CIFUENTES, 2003, p. 94-95).

Erikson (1976, p. 139) por sua vez apresenta o significado de integridade, que se mostra bem relevante quando se debate sobre este assunto, para este escritor um ser humano íntegro é aquela pessoa que: “[...] em progressivo amadurecimento com a idade, [...] zelou pelas coisas e pessoas e se adaptou aos triunfos e desapontamentos de ser, necessariamente, a originadora de outras e a geradora de coisas e ideias [...]”. Sendo assim, como é possível que o contato com conteúdos eróticos possa auxiliar no desenvolvimento de uma pessoa íntegra? Se as animações com conotações eróticas instigam na criança a busca pelo prazer momentâneo e influenciam na estereotipação das relações interpessoais, então é cabível dizer que as crianças que assistem desenhos animados com algum tipo de eroticidade podem ter mais dificuldade de atingirem a integridade pessoal, pois não são estimuladas a zelar pelas coisas, nem pelas pessoas e além disso dificilmente conseguirão se perceber como seres únicos e singulares.

Assim sendo, se não se percebem como seres singulares, também não agiram com originalidade. Essa falta de originalidade é visível, segundo Erik Erikson (1976, p. 140), quando se observa um ser humano que não defende “a dignidade do seu próprio estilo de vida contra todas as ameaças”. Pois ele não “sabe que uma vida individual é a coincidência acidental de um único ciclo vital”. Deste modo, uma criança que é constantemente influenciada a desejar se parecer com uma personagem de desenho animado tende a também ser condicionada a não ser autêntica e, portanto, é mais difícil para essa criança desenvolver um sentimento de valor para consigo mesma.

4 | FORMAS DE PROPORCIONAR UM BOM DESENVOLVIMENTO HUMANO DURANTE A INFÂNCIA

Não se pode esperar que as crianças deixem de assistir os desenhos animados e isto também não se faz necessário, pois o problema não está simplesmente só no que elas assistem, mas também como elas assistem. Nesta perspectiva, é interessante que os educadores estejam com as crianças no momento que elas estiverem assistindo às animações captando suas impressões e ajudando-as a fazerem interpretações que enriqueçam o aprendizado desses pequeninos. Tentar fazer com que ainda na infância haja os fundamentos de um pensamento crítico é essencial, pois ensinar a uma pessoa a ter uma reflexão crítica acerca do mundo é ensiná-la a ser essencialmente humana (SCHELER, 2003).

Com relação a essa vigilância por parte dos educadores Philippe Aries (1986, p. 146) alega ser fundamental a presença dos educadores na vida das crianças, mas “é preciso que essa vigilância [...] seja feita com doçura e com uma certa confiança, que faça a criança pensar que é amada, e que os adultos só estão ao seu lado pelo prazer de sua companhia”, isto fará com que a criança não tema essa companhia, mas a ame. É importante entender também que “as crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com frequência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade feitas

de tempos em tempos comovem e conquistam” (ARIES, 1986, p. 163).

Outro ponto crucial apresentado pela autora Pereira (1996) sobre o modo como as crianças devem assistir as animações é que elas precisam colocar sentido no que estão assistindo, e os principais responsáveis por ajuda-las a fazerem isto são geralmente os familiares, pois estes são os que normalmente estão mais presentes na vida da criança. Erikson (1976, p. 104) acrescenta que os pais e os educadores de um modo geral também devem colocar sentido nas suas atitudes, sejam atitudes de permissão ou de proibição. Para este mesmo autor os educadores “[...] devem não só ter certos métodos de orientação por proibição e permissão; eles devem também estar aptos a representar para a criança uma convicção profunda, quase somática, de que existe um significado no que estão fazendo”.

A autora Bächtold (2018) ratifica a necessidade da explicação por parte dos educadores às crianças do porque eles, às vezes, não consideram adequado que elas assistam certos desenhos animados, ao invés de dizer simplesmente e imperativamente para as crianças: “não veja”. Ainda, nesta mesma perspectiva, a autora Arent (2013 apud PLATT; OLIVEIRA, 2018, p. 22), explana que os educadores devem “conduzir as crianças pelo caminho que elas desconhecem”, pois ainda são novos e não apreenderam o suficiente para poderem caminhar sozinhos, isto implica também em impor limites às crianças, todavia tal imposição deve não se resumir a uma coerção moral ou ética, mas acima de tudo deve mostrar para as crianças a beleza do valor da infância, que é única e insubstituível. Tal imposição de limites implica, algumas vezes, em ser seletivo na hora de assistir aos desenhos animados.

Ir desvendando com a criança esse mundo de valores e significados é também apresentar para ela o amor, o amor por si mesmo e pelo outro, o amor pelo próprio corpo e pelo corpo do outro, o amor pela própria subjetividade e pela subjetividade das outras pessoas e assim por diante. Neste sentido, o termo amor ganha aqui um vínculo com a responsabilidade, já que saber amar o outro é saber ser responsável por ele, igualmente, quando se fala em amar o próprio corpo está se dizendo que ele possui valores que precisam ser respeitados. Aqui, respeito, responsabilidade e valor estão conceitualmente vinculados e devem ser vistos como atitudes de um ser que encontrou o sentido de ser naquilo que se ama. Assim sendo, o puro prazer sexual não pode ser tido como a única expressão do amor, assim como relata o autor Cifuentes (2003, p. 92-93), que considera o amor de mãe como o modelo a ser seguido, pois é um amor de doação, um amor que se esquece no outro. Desenvolver tal amor é ainda entender que o outro não é um meio para um fim.

Continuando tal discursão em relação ao amor a escritora Lemes (2015, p. 81) assegura que esse sentimento “é um fenômeno originário, é um ato que caracteriza a existência humana no que ela tem de humano, é um ato existencial, mas também é coexistencial, porque é relação pessoa-pessoa”, isto pode ser apreendido pelas crianças aos poucos com o auxílio dos educadores.

Prezar pela dignidade e pelo valor do próprio corpo é ter a capacidade de exprimir o amor através dele, e um dos modos como a criança pode compreender isso é mostrando que mesmo que algumas personagens dos desenhos animados hajam com despudor isto não deve ser imitado, além disso, se faz necessário também explicar que o pudor não se restringe a cobrir uma parte do corpo, mas é, acima de tudo, uma preservação do uso “indiscriminado, desrespeitoso, manipulador e possessivo de suas forças criativas” (LEMES, 2015, p. 140), em outras palavras, o pudor protege a pessoa de torna-se um objeto, principalmente sexual. Em suma, é importante que a criança entenda que a ênfase na beleza corporal nem sempre permite capitar o Tu e amá-lo como é” (LEMES, 2015, p. 134).

Lemes (2015, p. 99) afirma que não é fácil trabalhar com as crianças esses assuntos, todavia é necessário. Sobre esse mesmo assunto a autora Thais Santiago (2018, p. 158) ratifica com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que mesmo não sendo fácil educar as crianças para um mundo de valor “[...] a humanidade deve à criança o melhor de seus esforços”. No fim, o que deve ser deixado claro é que a criança deve ser educada para poder tomar suas próprias decisões, decisões livres, responsáveis e coerentes, deve ser educada ainda para ser uma pessoa autêntica e íntegra.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início este estudo buscou analisar a relação entre a erotização e os desenhos animados e como isso influencia na vida das crianças. Deste modo, foi possível constatar que as crianças têm seu valor desrespeitado quando são colocadas para assistir animações que contêm conteúdos eróticos ou com conotações eróticas. Analisou-se ainda que muitos programas de TV pouco se interessam em transmitir desenhos animados que sejam mais educativos. Viu-se que o fato do mundo mercadológico adentrar neste cenário acaba por agravar o problema da erotização infantil por meio dos desenhos animados, pois este utiliza-se de tal cenário para fomentar o consumismo.

Tudo isso faz com que a criança perca aos poucos a sua infância para ingressar em um mundo “adultilizado”. Além disso, muitas crianças começam a apresentarem uma estereotipação dos laços afetivos, que acaba desembocando na falta de autenticidade, começa-se a surgir, então, uma personalidade fragmentada e sem autoconhecimento.

Por fim, há algumas atitudes dos educadores que podem ajudar as crianças a enfrentarem a erotização, a princípio se mostra essencial a presença daqueles perante estes, ser um educador presente na vida da criança deve ser muito mais que uma vigilância, é necessário que seja uma presença perscrutada por docilidade, uma docilidade que auxilia a criança a compreender os sentidos e os valores contidos em cada coisa e ação, uma docilidade que auxilia a criança a ter um senso crítico perante as informações que lhes são repassadas, e mais ainda, uma docilidade que ajuda a criança a ser autêntica e a

desenvolver uma integridade psíquica e espiritual.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **História Social da criança e da Família**. Trad.: FLAKSMAN, Dona. 2º Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, 279p.

BÄCHTOLD, Angela Beatriz V. Família. Agente Protetor Diante da Erotização Infantojuvenil Promovida pela Mídia. In: GOMES, Juarez (Org.). **Combate à Erotização e ao Abuso Sexual Infantil**: Novas Propostas. Curitiba: Editora CVR, 2018, p. 33-48.

BARBOSA, Raquel F. M.; GOMES, Cleomar, F. Os Super-heróis em Ação – Podem os Desenhos Animados Sugerirem uma Orientação Estética Lúdico-Agressiva? **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v. 7, n. 1, p. 326-346, mai. 2013. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/437>> Acesso em: 06 de mai de 2022.

BREI, Vinicius A., GARCIA, Luciana B., STREHLAU, Suzane. A influência do Marketing na Erotização Precoce Infantil. In: **XXXII Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro, 10 set. 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/38/MKT-A1766.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

CIFUENTES, Rafael Lhano. **A maturidade**. São Paulo: Quadrante, 2003, 119p.

CITRÂNGULO, Larissa P. **Infância, Sexualidade e Educação Através dos Desenhos Animados**. 2009. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Curitiba.

ERIKSON, Erik. **Identidade: Juventude e crise**. 2º Ed. Trad.: CABRAL, A. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, 322p.

LEMES, Mariana. **Educação integradora da sexualidade humana**: resgate do sentido do amor. Ribeirão Preto: IECVF, 2015, 234p.

MESOMO, Aliandra Cristina L. Mídia: implicância na produção e divulgação de brinquedos. **Revista Acta Scientiarum Human and Social Sciences**, Maringá, v. 30, n. 2, p. 197-202, 19 dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/768/768>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

PEREIRA, Sara. Bastidores de TV para niños: criterios en la construcción de la programación. **Revista Comunicar**, Huelva, v. 26, n 31, p.57-63, 1 octubre 2008. Disponível em: <<https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=31&articulo=31-2008-08>>. Acesso em: 05 de mar de 2020.

_____, Sara. Educar para un uso crítico de la televisión en Educación Infantil. **Revista Comunicar**, Huelva, v. 4, n 6, p.69-72, 1 mar. 1996. Disponível em: <<https://www.revistacomunicar.com/index.php?contenido=detalles&numero=6&articulo=06-1996-14>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

PISCINATO, Milton Tadeu; SILVA, Maria Cristiane Contente da. Desenho Animado Erotizado e sua Influência no Comportamento Infantil. **Revista de Pós-graduação Multidisciplinar**, Campos Sales, v. 1, n. 5, p. 85-98, dec. 2018. Disponível em: <<https://www.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/799>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

PLATT, Adreana Dulcina; OLIVEIRA Marta R. Furlan de. Erotização de Crianças e Adolescentes na Escola: Relato de Duas Educadoras. In: GOMES, Juarez (Org.). **Combate à Erotização e ao Abuso Sexual Infantil**: Novas Propostas. Curitiba: CVR, 2018, p.13-31.

SCHELER, Max. **A Posição do Homem do Cosmos**. Trad.: CASANOVA, Marcos Antônio dos S. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, 124p.

SILVA, Joanilson Rodrigues da. Construção do Modelo Mental para Erotização Infantojuvenil. In.: GOMES, Juarez (org.). **Combate à Erotização e ao Abuso Sexual Infantil**: Novas Propostas. Curitiba: CVR, 2018, p.49-65